

O LAZER NO COTIDIANO DA CIDADE

Viviane Folador Neves ¹
Elizandro Ricardo Cassaro ²
Giuliano Gomes de Assis Pimentel ³

RESUMO: Investigou-se o uso recreativo que as pessoas fazem das ruas em seus momentos de lazer. O estudo de campo enfocou quatro ruas em Maringá, Paraná. A metodologia envolveu observação direta e sistemática, com anotações em caderno de campo. Posteriormente, houve registro fotográfico e aplicação de questionários em todas as residências da área delimitada. O estudo identificou uma ocupação intensiva das ruas como espaço não especializado de lazer, o que comprova a sua dimensão lúdica. Fatores como faixa etária, trânsito de veículos, horários e temperatura são determinantes nos usos recreativos. Na constituição histórica da sociedade brasileira, a rua assumiu papel de intermediar o público e o privado. Apesar da diminuição do uso recreativo, a rua permanece ambiente para o lazer de diferentes faixas etárias. Nesse sentido, o estudo sugere que as políticas públicas municipais de Maringá direcionem ações nesse tipo de espaço.

PALAVRAS-CHAVE: espaços de lazer, recreação, educação física.

LEISURE IN THE CITY'S DAILY LIFE

ABSTRACT: *It has been investigated the recreational use that people make of their streets in their leisure time. This field study focused on four streets in Maringá, Paraná. The methodology involved direct and systematic observation, with notes being taken on a field notebook. Later on, there was the photographic register and the application of questionnaires in all the residences in the delimited area. The study identified an intensive occupation of the streets as a non-specialized leisure space, which demonstrates its playful dimension. Factors such as, age groups, the transit of vehicles, times and temperature are determining in the recreational uses. In the historical constitution of the Brazilian society, the street has taken the role of intermediating between the public and the private. Despite the decrease in their recreational use according to those interviewed, the streets remain the place for leisure of different age groups. In this sense, this study suggests that Maringá's municipal public policies should direct their efforts to this type of space.*

KEYWORDS: *leisure spaces; recreation; physical education.*

INTRODUÇÃO

Atribui-se à carência de planejamento urbano a supressão dos espaços lúdicos tradicionais -como o quintal das casas, as próprias casas e as ruas. Em contrapartida, os grandes parques urbanos e metropolitanos, os centros recreativos municipais, os *playgrounds*, os parques infantis e os jardins públicos constituem infra-estrutura de lazer, gradativamente incorporada aos equipamentos escolares

e aos grandes conjuntos habitacionais financiados pelo poder público.

Em acréscimo à crescente privação do espaço lúdico espontâneo e informal, a infância em especial depara-se com certa tutela da ordem doméstica, que começa no pai e na mãe e termina muitas vezes no zelador ou no porteiro do prédio. Também há privação do tempo livre para brincar, em parte tomado necessariamente pela escola e pelas tarefas escolares, em parte pelas tarefas

¹ Acadêmica do curso de Educação Física do Centro Universitário de Maringá, Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC) 2002-2003

² Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário de Maringá, Programa de Iniciação Científica 2002-2003

³ Orientador. Mestre em Educação Física, área de Estudos do Lazer

domésticas e, na classe média, tomada pelos muitos projetos de formação da criança, tais como aprender músicas, lutas, danças, línguas estrangeiras entre outras atividades (Miranda, 1996).

As ruas sempre foram alternativa de lazer para as crianças se encontrarem e realizarem suas brincadeiras. No entanto, esse uso vem degradando-se nos centros urbanos, em função dos fatores de risco associados hodiernamente às ruas.

Quem observa a rua de nossas grandes cidades, tomadas de assalto por veículos e oferecendo perigos de toda ordem, não consegue acreditar que, na história das cidades, as ruas surgem para atender a necessidades de contemplação e de encontro dos indivíduos (CAMARGO, 1999, p. 62).

As crianças de hoje podem estar tendo seus espaços limitados quanto à vivência lúdica. Logicamente, os pais evitam esses espaços para afastá-las do perigo das ruas, substituindo a brincadeira de rua por atividades eminentemente formais (escolinhas), nas quais as crianças são tratadas como adultos em potencial.

Finalmente, percebe-se a privação da natureza: por inexistência, distância; precariedade ou violência urbana, o pouco acesso da criança a parques, praças e jardins onde possa ter contato com os elementos naturais, empobrecendo sua formação e impedindo-a de uma relação extremamente prazerosa. Com isso, as práticas humanas ficam cada vez mais artificiais, havendo prejuízo para a qualidade de vida e para a formação integral das pessoas.

Porém, mesmo com esses aspectos, em bairros menos transitados e em outros até bem servidos com equipamentos específicos de lazer, a rua ainda ocupa uma dimensão lúdica na vida das pessoas. Por que o ambiente da rua ainda é tão utilizado como espaço de lazer? Como ela é utilizada? Quais as atividades mais freqüentes realizadas por crianças, jovens, adultos e idosos na rua? Por que os centros esportivos, clubes e parques não absorvem a demanda para o lazer? Há participação da Educação Física escolar na formação de hábitos recreativos que têm estimulado a utilização criativa das ruas para se brincar?

Dadas essas problemáticas, buscamos analisar como as pessoas em geral, e particularmente as crianças, interagem com os espaços públicos em relação à satisfação de suas necessidades de lazer. Conforme Camargo (1999), amparado nos estudos de Joffre Dumazedier, essas necessidades, além de ligadas a um triplo D (diversão, descanso e desenvolvimento), estão voltadas a interesses culturais no lazer: sociabilidade,

cuidados com o corpo, sensações estéticas, *hobbies*, mudança de paisagens e melhoria da cultura geral.

Conforme o mesmo autor, existem equipamentos especializados e não especializados de lazer nos quais esses interesses são satisfeitos. Um equipamento não especializado é um lugar que originalmente não é construído para a prática específica de atividades de lazer, mas que pode vir a atender essa demanda, a exemplo da rua, dos bares e das casas.

Retomando os objetivos do estudo, este também buscou compreender os significados atribuídos aos logradouros enquanto equipamentos não específicos de lazer, bem como identificar os conteúdos culturais mais presentes em vivências lúdicas na rua.

A pesquisa foi desenvolvida através de estudo de campo, contribuindo para o conhecimento das representações e práticas sociais relacionadas ao aproveitamento do tempo livre pela população em suas atividades lúdicas feitas nas ruas de suas residências.

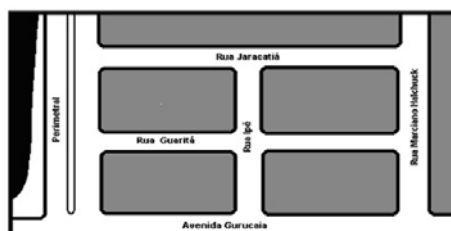
METODOLOGIA UTILIZADA

Após a identificação de algumas ruas com freqüente uso recreativo, foram selecionados quatro logradouros do bairro Vila Bosque, na cidade de Maringá-PR, por distarem menos de 100 metros do Parque do Ingá, ícone verde e maior equipamento específico de lazer do município. Portanto, a falta de espaço público não poderia figurar-se como resposta fácil à indagação da pesquisa.

Analisamos e registramos dados das ruas, de forma a compreender o seu significado para seus moradores. Inicialmente, entre maio a agosto de 2002, os pesquisadores, em dias e horários pré-estabelecidos, freqüentavam o local para observação.

Não havia intenção, naquela etapa, que os moradores percebessem a presença dos observadores, a fim de não se sentirem constrangidos. Com isso, era possível verificar de forma minuciosa os pontos mais freqüentados, os horários de maior fluxo, as atividades desenvolvidas, número de pessoas envolvidas e a faixa etária que mais utilizava ludicamente a rua. O desenho abaixo apresenta a área estudada, tendo ao lado esquerdo da Av. J.K (perimetral) o Parque do Ingá:

Desenho esquemático das ruas pesquisadas



Depois dessas observações sistemáticas, foram elaborados dois questionários distintos: um somente para crianças e outro para jovens e adultos. Tal instrumento foi previamente testado junto a moradores de outras ruas do mesmo bairro. Esse procedimento permitiu a adequação da linguagem dos pesquisadores à realidade dos entrevistados, bem como houve refinamento do instrumento.

Os questionários foram aplicados nos dias 26 e 27 de outubro de 2002, a partir de esforço concentrado dos pesquisadores e equipe de apoio para evitar diferenças de dias entre casas visitadas, o que poderia prejudicar a uniformidade da coleta.

As perguntas contidas no questionário nº 1- Jovem e adulto, foram voltadas ao tempo de residência na rua, satisfação em relação ao poder público, utilização do Parque do Ingá, atividades de lazer atuais e noutros ciclos da vida, opinião sobre as brincadeiras das crianças e expectativas no lazer. Era questionada ainda a idade das pessoas, profissão, escolaridade e composição da família naquela residência.

O questionário nº 2 – Infantil, tratou de averiguar o que a criança gosta e o que não gosta da rua, frequência ao Parque do Ingá, brincadeiras comuns no interior do lar, brincadeiras ocorridas quando está na rua, outros lugares usados para brincar e expectativas de lazer. Também se registrou o colégio onde estuda, idade, escolaridade, composição da família, lugar predileto na rua onde brinca e principais amigos da rua.

É importante lembrar que foi feita entrevista com duas professoras de Educação Física da escola localizada próximo àquela comunidade, visando obter informações sobre as atividades que as crianças fazem na rua. Neste caso, era objetivo perceber influências mútuas: jogos da rua presentes na escola e brincadeiras ensinadas em aula que foram incorporadas ao repertório de atividades cotidianas feitas na rua.

RESULTADOS E ANÁLISE

Para Dumazedier (1994), o caminho solitário da ciência exige primeiro exorcizar pré-conceitos e preconceitos, os próprios e os disseminados na mesma ciência e no senso comum; em seguida, produzir nova síntese, com novas questões e novas hipóteses e novo aparato metodológico de investigação empírica.

Embora essa tradição de pesquisas empíricas, representada pelo pensamento de Dumazedier nos estudos do lazer, esteja presente no presente trabalho, compreendemos a necessidade de perceber a realidade com referenciais diversos, buscando apoio nas ciências humanas e sociais.

As observações diretas apontam para o grande

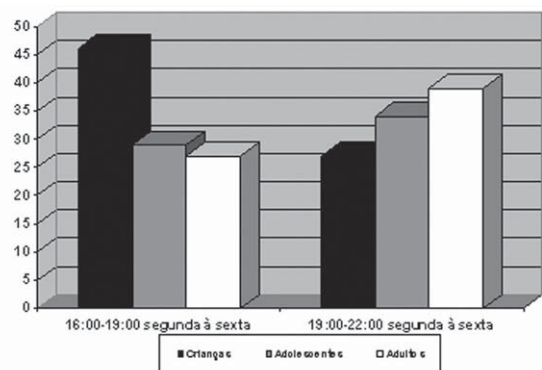
número de pessoas utilizando as ruas como espaço de lazer. Destaca-se que as mesmas não possuíam grande fluxo de carros transitando por ali, permitindo às pessoas poderem utilizá-la com maior tranquilidade.

Podemos perceber também que as crianças são as que mais utilizam a rua para brincar, especialmente futebol, voleibol, pipa, *skate*, esconde-esconde, *bets*, bicicleta e brincadeiras inventadas. As atividades com esportes radicais e também o fato de ouvir música, tanto de dentro de suas casas como de um carro, são as mais comuns entre os adolescentes.

Adultos e idosos produzem modos mais sedentários de uso da rua, pois constroem assentos nas calçadas para que possam ficar conversando com os vizinhos e parentes, ou até mesmo somente para ficarem observando outras pessoas que por ali passam. Uma constatação interessante é que realizam festas típicas, como a festa junina na rua, ocupando-se de terrenos baldios ou casas com terreiro.

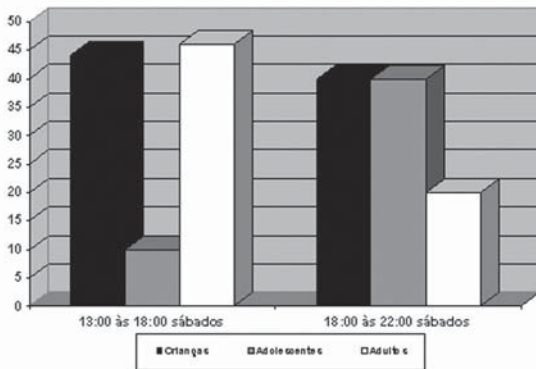
Gráfico 1: Comparação quanto à faixa etária que mais frequenta a rua como espaço de lazer, os horários e os dias de maior fluxo dos mesmos.

1.1. - Segunda à sexta



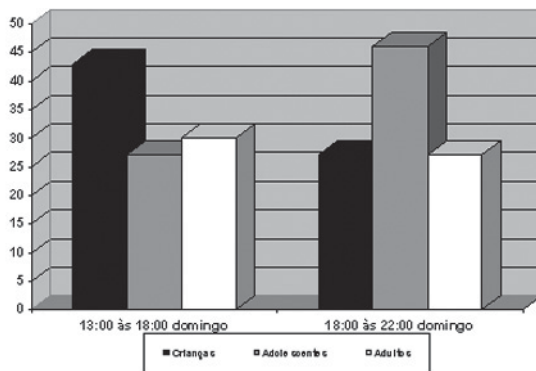
No quadro acima se nota que, em dias de semana, no período da tarde das (16 às 19 horas), o índice de crianças na rua ocupando a rua é muito maior se compararmos aos jovens e adultos, visto que 46% são crianças, 29% jovens e 27% adultos (muitos deles idosos). No período noturno das (19 às 22 horas), são apenas 27% crianças, 34% jovens e 39% adultos. Presume-se que à tarde as crianças tenham tempo livre fora das obrigações escolares, dedicando-se às tarefas de estudo e brincadeiras dentro de casa somente no período noturno. Em dias de semana, esse horário é para muitos adultos e jovens o único tempo disponível.

1.2 - Sábados



Aos sábados percebemos que o número de crianças e adultos encontrados nas ruas entre 13 e 18 horas é muito parecido, havendo 44% de crianças, 46% de adultos e somente 10% de jovens e adolescentes compondo o total relativo de grupos etários na rua. Já no período noturno, adolescentes e crianças ocupam o mesmo número, já que ambos representam 40% de cada faixa etária e os adultos 20%. Enquanto as crianças brincam até mais tarde por não terem obrigações escolares no outro dia, os adolescentes namoram, conversam ou ficam reunidos em pontos predeterminados, de onde saem em direção às manchas de lazer da cidade.¹

1.3 - Domingos



Aos domingos à tarde, as crianças ocupam em grande número as ruas; são 43% das pessoas que freqüentam a rua, os adolescentes representam 27% e os adultos 30%. À noite das (18 às 22 horas), os adultos e as crianças são representados igualmente por 27%, em função desse horário ser considerado inadequado para as crianças (dormir para ir à escola na segunda-feira) ou pelos adultos se prepararem para o dia de trabalho, dedicando-se mais ao cumprimento de rotinas domésticas ou religiosas. Ocorre,

no período noturno, predominância de adolescentes nas ruas (46%) em atividades ligadas à sociabilidade.

Sobre as questões aplicadas, o tempo de residência naquela rua das pessoas entrevistadas é, em média, de 10 anos e 6 meses, o que pressupõe razoável familiaridade com o meio. A freqüência com que vão ao Parque do Ingá em média é 41 vezes ao ano, sendo que a maioria só vai para fazer caminhadas. Não é incomum nem chegar a entrar no parque, ficando apenas na calçada que o circunda. Esse fato, no entanto, pode muito mais ser justificado pelo horário de fechamento do parque (17 horas) do que em função da determinação da vontade dos entrevistados.

Quando questionados sobre o que o poder público municipal deveria fazer para melhorar o bairro, diziam que deveria ser construído um local para prática de lazer (centro esportivo, praça). Observa-se que, há um centro esportivo no bairro vizinho (Vila Operária) em distância que não pode ser considerada impeditiva. Alguns exigiam melhora do asfalto e iluminação.

Quadro 1: Comparação das representações sociais de adultos e crianças sobre as principais brincadeiras infantis.

Do que os adultos brincavam	Do que as crianças dizem brincar	Do que os adultos vêem as crianças brincar	Do que as crianças querem brincar
- bets	- atividades	- jogando	- vôlei
- futebol	esportivas	bola	- futebol
- esconde	- bicicleta	- bets	- basquete
esconde	- pega-pega	- bicicleta	- carrinho
- boneca	- brincar	- pipa	- boneca
- casinha	com	- skate	- casinha
- passa-anel	amigos	- amarelinha	
- pega-pega	- patins	esconde-	
- corda	- subir em	esconde	
- amarelinha	arvores		
- roda			

As brincadeiras estão distribuídas de acordo com as mais mencionadas, por ordem decrescente.

¹ Mancha de lazer relaciona-se a um tipo de organização do espaço urbano em que se reúne predominantemente um tipo de equipamento de lazer (bares, danceterias, clubes) em pontos contíguos da cidade tais como ruas, quadras ou prédios (Magnani, 1998).

O quadro 1 traz comparações entre as representações sociais conforme grupo etário, feitas com base nos questionários respondidos pelos moradores, tanto para adultos como para jovens e crianças. Perguntamos aos adultos sobre sua infância e quais brincadeiras faziam na rua quando crianças e do que eles vêem as crianças brincarem.

Quando perguntamos para as crianças do que elas brincavam na rua, respondiam as brincadeiras que foram citadas na tabela. Ao questionarmos sobre o que elas gostariam de brincar caso fosse montado uma rua de lazer naquele bairro, em sua grande maioria, responderam preferencialmente atividades esportivas, seguidas de carrinho, boneca e casinha. Interessante notar que esses desejos gravitam em torno de atividades já realizadas e tradicionais entre as crianças questionadas.

Outro dado interessante é a pouca coincidência entre o que os pais faziam quando crianças e as brincadeiras dos filhos. Porém, há identidade entre o que as crianças dizem querer fazer e as brincadeiras infantis dos pais. Também é perceptível que as práticas das crianças mais chamativas à atenção dos adultos (como pipa, amarelinha e skate) não foram lembradas por meninos e meninas durante as entrevistas.

Entre os adultos, os momentos de lazer mais destacados foram jogar futebol, caminhar no Parque do Ingá e ir à igreja. Interessante notar a pobreza de referências ao lazer doméstico, embora autores como Camargo (1999) e Marcellino (1996) diagnosticarem a casa como local principal. Sobre quais atividades de lazer eram realizadas por eles na rua, sucessivamente respondiam que nunca faziam nada, que só trabalhavam. Mas, com as observações feitas, verificamos que a realidade não correspondia plenamente ao que eles respondiam.

Nisto se reforça a importância de se fazerem observações diretas antes de aplicar questionários, pois sempre víamos esses mesmos adultos sentados sobre troncos de árvores ou bancos de concreto, conversando com outras pessoas. Conforme Magnani (1998), a ressonância do lazer em pesquisas é eficazmente detectada através de técnicas de observação quando comparado ao questionário. Isso porque as pessoas acreditam que o lazer é somente atribuído em equipamentos específicos para o mesmo e com atividades como jogar futebol nos clubes ou viagens à praia, por exemplo.

As pessoas acreditam que momentos de lazer só podem ser proporcionados em determinados lugares, como parques temáticos, clubes, associações, centros esportivos, etc, mas não sabem que o simples fato de sentarem à frente de suas casas e ficarem conversando com amigos, parentes e vizinhos é uma forma de lazer. Poderia a escola ser um canal de mudanças dessa representação encontrada?

Para Faria e Rosa (2000), não há pluralidade e heterogeneidade de movimentos nas práticas lúdicas da infância da rua e da escola. As pessoas, quando estão na escola ou na rua elaboram táticas para criar cultura em meio à rigidez desses lugares. Ora, a casa pode acabar sendo um ambiente sem muita abertura à criatividade e com limites rigidamente determinados, por ser um espaço onde a hierarquia familiar se estrutura.

Como cada grupo reage de forma diferente, há uma multiplicidade de significados dos mesmos bens culturais, ou seja, brincadeira ou brinquedo idênticos ou as mesmas na rua mudam de valor conforme os usos que se faz deles. É dessa constante atualização que as crianças fazem surgir novas práticas diante da ordem espacial da rua e da escola, deslocando e arquitetando outras trajetórias.

Daí a rua ser a possibilidade mais próxima e a escola a mais segura, onde se revelam contradições que implicam movimento, novidade e ação, ou seja, momentos propícios à recriação espontânea e participativa daquilo que já se encontra estabelecido. É por esse entendimento que a escola, e especialmente nas aulas de Educação Física, poderia desenvolver uma educação para o lazer na qual as pessoas fossem estimuladas a agir criativamente sobre os espaços.

Para observar traços da influência escolar na dinâmica cultural observada nas ruas, foi realizada uma rápida abordagem na Escola Municipal Profª M. Leila Palandri, o educandário mais próximo ao bairro e onde estuda a maioria das crianças pesquisadas. Neste local, foram realizadas observações das aulas de educação motora e usadas questões não-estruturadas, dirigidas às docentes responsáveis.

Ao entrevistar duas professoras sobre quais atividades e brincadeiras as crianças sempre citavam e falavam que faziam na rua, queimada, *bets* e atividades com caráter esportivo foram lembradas. Quando perguntamos qual a importância do lazer na vida das pessoas, ambas responderam que é um momento essencial para fugir do estresse do trabalho, (das obrigações) e um meio de socialização.

Pelo entendimento de lazer e jogo apresentado pelas professoras, abandonamos a hipótese daquela escola ser o núcleo de onde surgiam as criações lúdicas. Era preciso investigar outros nichos dos quais poderiam vir as criativas brincadeiras formuladas pelas crianças observadas. Para Santin (1994), a educação lúdica acaba sendo encontrada em diversos ambientes e não em uma instituição porque.

...o mundo lúdico não está em algum lugar, não é uma instituição, não é uma atividade e não é real. Entretanto, ele pode acontecer a qualquer momento, a qualquer hora, em qualquer circunstância e em qualquer lugar desde que, simplesmente, alguém decida querer brincar... (SANTIN,

1994, p. 28).

Com base em Huizinga (1971) e Alain Cotta (1980), citados por Miranda (1996), poderíamos definir o espaço lúdico como aquele em que é possível brincar com um alto nível de interatividade. Um espaço em que os objetos e as instalações (os brinquedos), já de início, suscitam na criança forte interesse em serem tocados, manipulados, escalados, percorridos etc., ou seja, um espaço em que a criança é convidada a jogar, a participar de um jogo de relação.

Tudo isso exige que tal espaço, objeto ou equipamento seja, ao mesmo tempo, relativamente familiar ao universo simbólico da criança e estranho a ele, semelhante e diverso. A rua como um espaço assim concebido vai responder à necessidade de relações mais naturais e mais criativas da criança com o meio e com as outras crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rua não é apenas lugar de idas e vindas de transeuntes anônimos. Especialmente a de residência passa a ser interpretada como espaço de liberdade e construção coletiva, propícia à vivência do lúdico. Embora isso possa ser pensado como uma saída ao artificialismo das relações eletrônicas da televisão, por exemplo, não se exclui a relevância dos outros espaços (igreja, escola, clube, ...) à dinâmica lúdica.

Miranda (1996) vai reforçar esse entendimento ao propor espaços lúdicos produzidos profissionalmente, os quais voltar-se-iam às necessidades de fabulação, do imaginário e da experiência sensorial das crianças. Segundo o mesmo autor, um espaço de tal interatividade vai potencializar as possibilidades da aventura surpresas, imprevistos, obstáculos; do mistério; da vertigem; das oportunidades de expressão única, o ritmo, o movimento. Ao mesmo tempo, vai proporcionar a alternância entre situações calmas e movimentadas, entre iniciativas individuais e coletivas, bem como contendo em si mesmo tanto elementos de natureza, quanto aos elementos artificiais.

Políticas públicas de lazer precisam ser formuladas considerando a necessidade em construir e animar equipamentos específicos de lazer, mas não podem desconsiderar aqueles espaços já significativos para as pessoas. Logo, a combinação entre equipamentos específicos e não-específicos se enquadraria na perspectiva mais coerente.

A valorização da rua enquanto espaço de lazer é uma questão para o poder público, pois nas grandes cidades existem poucos espaços públicos vazios, além da falta de segurança nos equipamentos públicos de lazer e no transporte até eles. Percebe-se em muitos municípios que

há carência ou falta de identidade nas ações estatais, sendo muitas vezes resumidas em calendários de eventos ou pacotes elaborados no interior dos gabinetes técnicos.

Dada a importância que o lazer vem ganhando nas últimas décadas diante da exigência comunitária e da questão da qualidade de vida nas cidades, espera-se ação mais competente do poder público, com o estabelecimento de políticas setoriais na área, "devidamente articuladas com outras esferas de atuação vinculadas com iniciativas espontâneas da população e com parcerias junto à iniciativa privada" (Marcellino, 1996).

Sendo a rua de residência um local intermediário entre público e privado, esta pode ser considerada como primeiro nicho de participação coletiva da população. É lá onde as pessoas começam a dar os primeiros passos de uma gestão comum dos espaços públicos. Isso se percebe desde a fixação de tabelas de basquetebol em poste de iluminação até o uso de terreno baldio para festa junina dos moradores das quadras delimitadas no estudo.

Por isso, na efetivação das políticas de lazer, profissionais da área utilizam-se das ruas para realizarem as chamadas "ruas de lazer", que consistem em eventos aproveitando o espaço de uma rua para realização de atividades recreativas. O trânsito é fechado aos veículos para que as pessoas transitem abertamente pela rua. As atividades podem ser feitas através de uma montagem de palanques para animação dos participantes, brincadeiras divididas em estações, grandes brinquedos (cama elástica, infláveis, parede de escalada, entre outros), postos de informação e atendimento.

Esses acontecimentos, por mais criativos que possam ser, devem passar primeiramente pela solução do tempo e dos espaços lúdicos e de lazer dos adultos, visto que são fundamentais à participação infantil. Por isso, ouvir a população e compreender sua dinâmica particular é um passo acertado rumo ao estabelecimento dessas ações comunitárias. Começar pelo que já é familiar às pessoas tende a garantir mais adesões.

Em acréscimo, pelos resultados da pesquisa, se observa que as faixas etárias se revezam no uso recreativo da rua conforme pontos prediletos e horários mais apropriados às atividades desenvolvidas. Projetos junto às comunidades e que tenham o foco na participação popular precisam incentivar a coexistência dos grupos etários, bem como envolver cada grupo, com suas particularidades, na construção desses eventos.

Frisa-se que, apesar de o bairro estudado localizar-se ao lado do maior espaço de lazer do município (Parque do Ingá), a rua e a residência ainda são os lugares nos quais a comunidade mais recria suas oportunidades de lazer. A escola e, particularmente, a igreja foram citadas como espaços para o lazer cuja influência se fazia presente nos

hábitos recreativos na rua.

Isso induz a creditar-se, na atualidade, pouca eficácia das ações municipais e seus equipamentos específicos de lazer na educação lúdica do entorno estudado. De outro lado, há conotação quanto à dimensão lúdica da rua, vazada por significados construídos ora nas instituições, ora a partir de sua própria dinâmica espontânea. Em comunidades modestas, casa e rua se confundem, havendo incorporação das ruas como áreas comuns da vizinhança.

Há carência de projetos para aproveitar esse potencial recreativo das ruas cuja ocupação lúdica é identificada por marcas, como pouco trânsito de veículos, rara depredação dos bens públicos, uso das calçadas pelas diferentes faixas etárias, e táticas de reconfiguração do espaço, isto é, fixação de enfeites em muros, pintura de amarelinha e campo de queimada no asfalto, cadeiras nas calçadas, canteiros nos terrenos baldios entre outras apropriações populares da rua com espaço de convivência.

Para finalizar, é importante destacar a importância das ruas de lazer nas ações comunitárias, mas não descartando a importância de lugares apropriados ao desenvolvimento de atividades físicas, artes, encontros e demais vivências sistematizadas. Tanto nos equipamentos específicos quanto nos multifuncionais é preciso pensar estratégias de animação e, no interior destas, recriar significados e práticas que reflitam na dinâmica do lazer urbano.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, Luis O. Lima. O que é lazer. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- DUMAZEDIER, Joffre. A revolução cultural do tempo livre. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1994.
- FARIA, Eliene. L.; ROSA, Maria Cristina. Produzindo espaços, apropriando-se de lugares: o brincar da rua e da escola a partir das contribuições de Michel de Certeau. In: Licere. v.3, n. 1, 2000. p. 46-60.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/ Unesp, 1998.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras. Campinas: Autores Associados, 1996.
- MIRANDA, Danilo Santos. O parque e a arquitetura: uma proposta lúdica. Campinas: Papyrus, 1996.
- SANTIN, Silvino. Educação Física, da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Editora EST. Porto Alegre, 1994.